

Nova coluna: Sujeitos e reminiscências da FaE

Foto: Acervo pessoal



Professor Fabrício Andrade

A coluna *Sujeitos e Reminiscências*, nasceu do desejo coletivo de conhecer e compartilhar as histórias e experiências de nossos docentes. Para inaugurar este novo espaço em nosso jornal, convidamos o professor Fabrício Andrade, que prontamente, se dispôs a dividir conosco um pouco da sua jornada como educador: *"Foi com imenso prazer que recebi o convite para 'inaugurar' esta sessão no FaE Informa. Imaginando que inúmeros colegas poderiam ser agraciados com tamanha honra, por possuírem, talvez, trajetórias educacionais bem mais extensas, e por que não dizer, decisivas para a FaE e para a UEMG, deixo a responsabilidade desta escolha para os colegas do Centro de Comunicação. Colegas estes que agradeço imensamente por se lembrarem de mim e que respeito profundamente por levarem tão a sério este importante periódico para nossa Unidade."*

Alunos compartilham seus relatos de experiências

Foto: Acervo CENC



Os alunos Ramon Paixão, Beatriz do Nascimento, Paula Eleine e Célia Almeida, falam sobre suas experiências como discente.

Grupo de pesquisas: GEPICE

O grupo tem como objetivo compreender a(s) infância(s) e suas variáveis no contexto histórico, social, político e econômico.

Foto: Acervo UEMG



Editorial



De todo modo, elas acontecem e, quando o “mecanismo da AIP” funciona temos a diversidade, o contraditório, a pesquisa e a extensão fundamentada e a impessoalidade em uma discussão interdisciplinar. Quando o trabalho se desenvolve por esse caminho é claro que temos o que todos pedem e desejam em um curso aqui e acolá: a integração das disciplinas e seus olhares a respeito de um determinado tema. O contrário disso é a afirmação de que não estamos fazendo o trabalho correto.

Existe sempre algo de novo no currículo da FaE. Amada e, por vezes, odiada a Atividade de Integração Pedagógica (AIP) aparece como um importante mecanismo de integração das disciplinas em todos os períodos no plano de Curso da Faculdade de Educação. Trata-se de uma iniciativa que deu certo e é de causar mal-estar quando as críticas infundadas aparecem.

Difícilmente vemos um curso de Pedagogia reunindo professores de diferentes áreas em um horário pré-estabelecido para debater um determinado tema. O leitor pode entender que deve ser um problema, dado que professores, em geral, tendem a não concordar com os (pré)conceitos e concepções de outros. Ainda mais tendo como ouvinte e participantes ativos, os alunos da graduação.

Nas AIPs, os professores devem coordenar, de forma coletiva, as atividades propostas aos estudantes de cada Núcleo Formativo, e os alunos têm a responsabilidade de apresentar o resultado dos seus estágios, bem como de práticas que fez e participou durante o seu desenvolvimento no curso. Essa experiência tem sido vitoriosa e o curso tem alcançado os pontos necessários para a manutenção do seu valor e de sua qualidade. A manutenção dessa empreitada é profundamente necessária. Vale dizer que, talvez, ela esteja precisando de ajustes, recomendações e um “telos” diferenciado, dado que sua funcionalidade garante dinâmica e diferencial em relação a muitos outros cursos de Pedagogia.

As AIPs, como a menina dos olhos da FaE/CBH/UEMG,

merecem melhor atenção. Os debates podem resultar em artigos, seminários e congressos. Professores, podem pesquisar uma mesma temática tendo por fundamento teorias diferenciadas. A ciência é isso, um conjunto de incertezas visando a identificação de problemas, hipóteses, pesquisa e resultados. Não se procura nas AIPs a verdade única, dado que a natureza do conhecimento é diversa, mas é nesse espaço que o docente ou o discente encontra espaço para debater os métodos, as técnicas de pesquisa e a descoberta de novas teorias. Trata-se de um espaço democrático e, ao mesmo tempo, rico em contribuições ousadas que merece aprimoramento.

Finalmente, as AIPs tornaram-se fonte de identidade, mecanismo diferencial e ousadia no debate aberto em toda Faculdade. O seu aprimoramento é dever e direito de discentes e docentes. Modificar sua função é ir de encontro a um movimento ousado de professores que, em outros tempos, visualizaram a necessidade do olhar transdisciplinar, da união de professores de disciplinas diferenciadas, bem como o acompanhamento dos alunos nos estágios e em suas práticas pedagógicas. São obrigatórias ações políticas e pedagógicas visando esse cenário para que o fortalecimento das AIPs repouse nos bons resultados do curso, e que ela seja e continue a ser nossa principal contribuição.

EXPEDIENTE

FaE Informa é uma publicação da Faculdade de Educação do Campus de Belo Horizonte da UEMG – Edição, reportagem e diagramação: Equipe CenC – Conselho Editorial: Cristina Alves Menezes Rocha; Cristiana Fonseca de Castro; Cristiane Lopes da Costa Veloso; Francisco André Silva Martins; Lúcio Alves de Barros. Centro de Comunicação: cenc.fae@uemg.com – <https://www.facebook.com/cencfaeuemg/> Projeto gráfico: Natália Maria Gomes dos Santos. Diagramação: Natália Maria Gomes dos Santos. Redação: Natália Maria Gomes dos Santos e Cristina Alves Menezes Rocha. Revisão: Cristina Alves Menezes Rocha e Eliana Gomes Silva Machado. Universidade do Estado de Minas Gerais – Reitora: Lavínia Rosa Rodrigues – Vice-Reitor: Thiago Torres Costa Pereira. FaE: Diretora: Maria de Lourdes Teixeira – Vice-Diretor: Jurandir de Souza. Os conceitos emitidos em colunas e artigos são de responsabilidade de seus autores. Editoração: Equipe CenC – Distribuição online.

Aula Inaugural: “Já estávamos remotos e não sabíamos”

Luciana Zenha Cordeniro

Foto: Acervo CENC

A aula inaugural foi planejada com o intuito de discutirmos o Ensino Remoto nas escolas e na Universidade. Éramos remotos e não sabíamos. Os estudantes e professores foram convidados a refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem no modo remoto. É importante ressaltar as diferenças entre o modo remoto emergencial a partir do estado de Pandemia do País e os modos presenciais, já tão acostumados. O modo a distância, já está, há uns 30 anos instaurado em nosso país para cursos de Graduação.

A professora doutora convidada para esta interlocução foi a profa. Juliane Correa, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal

de Minas Gerais e professora do curso de Pedagogia. Ela foi, nos idos de 1990, professora da Faculdade de Educação da UEMG, coordenadora da Cátedra da Unesco e do Programa Giz, diretora da FaE UFMG dentre tantos outros processos de gestão envolvidos, como Telecentros.br, programa no qual a UEMG também fez parte entre 2010 e 2014.

A proposta da aula foi debater sobre os processos de aprendizagem e ensino mediados pelas TICs e entendendo que o mais importante são as relações estabelecidas pelos professores e estudantes em qualquer um dos ambientes virtuais de aprendizagem. Entende-se virtual como a semente que está para acontecer. Além da interlocução



com a professora pesquisadora alguns estudantes também foram convidados a apresentar as perspectivas da inclusão digital e da inclusão social frente a diversidade étnica presente em nossa sociedade e na sala de aula, seja no modo remoto ou presencial.

Centro de Ensino: instrumento articulador entre teoria e práticas pedagógicas

O Centro de Ensino da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Belo Horizonte, é um órgão técnico científico, articulado com os demais órgãos do curso de Pedagogia, especificamente a Coordenação de Curso e Departamentos. Atualmente nossa equipe é constituída pelos seguintes membros: Professoras Ana Paula Andrade (Coordenadora) e Vanessa Aparecida da Silva Cruz (Vice-coordenadora); Professoras Bernarda Elaine Madureira

Lopes, Eliana Gomes Silva Machado e Janice Aparecida Souza, Professor Mauro Giffoni de Carvalho; Técnica Josiane Regina; Técnicos Paulo Martins e Moyses Baptista.

O curso de Pedagogia da FaE/UEMG está alicerçado na busca de articulação e indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e extensão. Mantendo foco nas atividades de ensino, este Centro está comprometido diretamente com a formação das/dos pedagogas/pedagogos –

Foto: Acervo pessoal



Ana Paula Andrade coordenadora do Centro de Ensino

Centro de Ensino: instrumento articulador entre teoria e práticas pedagógicas

Foto: Acervo pessoal



Vanessa Aparecida da Silva Cruz sub-coordenadora do Centro de Ensino

professoras/ professores que aqui se formam.

Nessa perspectiva, cabe ao Centro de Ensino:

- assessorar os Colegiados de Curso e os Departamentos nas respectivas competências em matéria de ensino;
- acompanhar e participar da avaliação dos projetos de ensino, dos programas de atividades que proporcionem a melhoria da qualidade do ensino oferecido pela FAE/UEMG e dos programas destinados à capacitação do corpo docente da Instituição;
- articular-se com diferentes instituições objetivando o favorecimento de condições para iniciação da prática profissional;
- participar, informar e orientar o aluno quanto à

escolha profissional, bem como assisti-lo durante o desenvolvimento do Curso mediante a articulação com os departamentos;

- assistir, quando solicitado, o ex-aluno no tocante à informação profissional;
- selecionar, organizar e divulgar material de informação relativo às atribuições do profissional nos seus diferentes campos de trabalho;
- promover intercâmbio com agências formadoras de recursos humanos, objetivando ampliar as oportunidades de experiências profissionais para os alunos da FAE/UEMG.

É parte integrante do Centro de Ensino o Núcleo de Estágio Supervisionado (NUEST) que acompanha o desenvolvimento das atividades programadas para o curso, em observância às determinações da Práticas de Formação Pedagógica (PPFs), às quais compreendem:

- 1- Atividade de Integração pedagógica – AIP;
- 2- Estágio Supervisionado;
- 3- Atividades Acadêmico-científico-cultural – AACC;
- 4- Atividades de Extensão;

- 5- Atividades de Pesquisa;
- 6- Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

O estágio obrigatório/curricular e o estágio não-obrigatório constituem uma extensão prática dos conteúdos abordados no curso de Pedagogia, aproximando o mundo acadêmico do mundo do trabalho e oferecendo aos discentes uma ampla visão da profissão.

Com o intuito de orientar docentes e alunos no cumprimento das atividades que abrangem as PPFs, o Centro de Ensino elaborou um Manual disponível em <http://centrodeensinofae.blogspot.com/>. O documento apresenta estratégias e alternativas pedagógicas para a execução do Estágio obrigatório e das Atividades Acadêmico-científico cultural tendo em vista a situação de pandemia e isolamento social, devendo ter assim, seu caráter de excepcionalidade respeitado.

Dessa forma, o Centro de ensino tem papel primordial no Curso de Pedagogia da FAE/UEMG, atuando na promoção de uma prática de contínua aprendizagem reflexiva e crítica, visando potencializar as experiências inovadoras na Universidade, e aquelas que possam ocorrer nos locais de trabalho escolar e/ou outros espaços educativos.

Centro de Extensão da FaE-UEMG: oportunidades diversas pela participação nos programas, projetos, cursos e eventos vigentes em 2021

Imagem: Acervo Centro de Extensão - FaE/UEMG/BH

Programa Egbara Wa : Educação, Diversidade e Cultura

O programa Egbara Wa é composto por 8 projetos de Extensão, Pesquisa e Ensino coordenado por professores de diferentes departamentos da Fae/UEMG, com participação do grupo Teatro Negro e Atitude e da assessora técnica da Pró-Reitoria de Extensão. Tem como objetivo articular o conhecimento acadêmico ao saber popular, em confluência com as lutas coletivas, através de propostas sócio-pedagógicas e teatrais.

Área temática
Educação

Público-alvo

Comunidade acadêmica, lideranças Sociais, professores da Rede Pública, pessoas em vulnerabilidade.

VITÓRIA RÉGIA IZAÍ
Coordenadora do Programa
Contato: egbariwa.fae@uemg.br
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Neste FaE-Informa vamos discutir sobre as muitas oportunidades de formação universitária oferecidas pelo Centro de Extensão da FaE-UEMG através dos programas, projetos, cursos e eventos estão acontecendo na unidade neste ano de 2021.

Vamos começar apresentando os Programas. Atualmente a FaE tem dois grandes programas de extensão, o primeiro é o Programa Egbara Wa que tem como objetivo articular o conhecimento acadêmico ao saber popular, em confluência com as lutas coletivas, através de propostas sócio-pedagógicas e teatrais.

O segundo programa é o "Ciclo de atividades acadêmico-científico-culturais UEMG: centenário Paulo Freire", este está relacionado ao desenvolvimento de atividades institucionais referentes ao centenário do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Para

saber mais sobre os programas em vigência: [clique aqui](#).

Já projetos de extensão temos quase 40 em andamento na nossa unidade. Trata-se de projetos envolvendo linhas e temáticas diversas, tais como: Culturas afro-brasileiras, Direitos humanos, Ensino de Matemática, Pedagogia Waldorf, Formação de professores, Educação Ambiental, Ensino de Ciências, Divulgação científica, Alfabetização, leitura e escrita, Pedagogia hospitalar, Infância e adolescência, entre outros. Nestes projetos há mais de 200 estudantes participando como bolsistas ou voluntários. Para saber mais sobre os projetos em vigência: [clique aqui](#).

Em relação aos muitos eventos e cursos de extensão que estão acontecendo deixamos aqui dois links para que a comunidade acadêmica possa acompanhar e participar. O primeiro com a lista de eventos – [clique aqui](#), e o segundo

com a relação de cursos – [clique aqui](#).

Aproveitamos para convidar os discentes da FaE para que conheçam os programas, projetos, eventos, cursos e participem. Para isso, basta escrever para o(a) professor(a) coordenador(a) e manifestar interesse. Ao participar de alguma atividade extensionista, abre-se um mundo de oportunidade, inclusive, olhares para as multiplicidades de ações envolvendo a atuação profissional do pedagogo e da pedagoga. Cabe lembrar que cada participação confere declaração ou certificado pelo Centro de Extensão, o que soma muito na formação universitária e no currículo de cada participante.

Outra novidade, é o aplicativo desenvolvido pelo Centro de extensão para que a comunidade universitária possa ter acesso contínuo a todos os certificados emitidos envolvendo eventos e cursos da unidade. O acesso ao app pode ser via web ou fazendo download pela Apple store ou play store.

Para conhecer e ter acesso ao aplicativo com os Certificados emitidos pelo Centro de Extensão: [clique aqui](#).



Imagem: Acervo Centro de Extensão - FaE/UEMG/BH

Relato sobre o Capacitismo

No dia 08 de junho de 2021 aconteceu a palestra com o tema “Capacitismo” em uma aula síncrona da disciplina Atividade de Integração Pedagógica – AIP da turma NF6A. A ideia da palestra surgiu dos/as estudantes após realizarem uma atividade de Glossário, no AVA/Moodle, proposta pela professora Clara Tatiana Dias Amaral na disciplina Estudos sobre Necessidades Educacionais Especiais. Um dos estudantes, Ramon Wesley Paixão Ferreira, dividiu com a turma uma experiência que teve de discussão sobre o tema Capacitismo e surgiu a ideia de trazer um professor convidado para conduzir esse debate na turma, como uma atividade da disciplina de AIP.

O convite foi feito ao professor Milton Lira, arte-educador e estudioso do tema da Educação Inclusiva. A palestra “Capacitismo” contou com a participação de cerca de 30 estudantes do Sexto Núcleo Formativo, do turno da manhã, com objetivo de atender o interesse da turma pelo tema. A atividade foi idealizada e organizada pelos docentes Clara Tatiana Dias Amaral,

Foto: Acervo pessoal

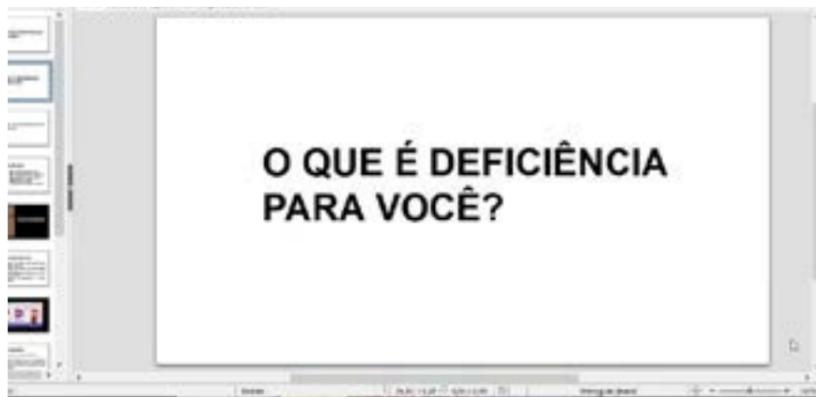


Professor Milton Lira, palestrante responsável por conduzir o debate entre os participantes



Clara Tatiana Dias Amaral

Foto: Acervo UEMG



Marcelo Diniz Monteiro de Barros, Cristiane Lopes da Costa Veloso, Renato Srbeq Araújo, Tânia Pereira Santos, Ivane Laurete Perotti, em parceria com o estudante Ramon Wesley Paixão Ferreira.

O professor Milton Lira conduziu um debate instigante, atual e necessário com o grupo de estudantes da turma, por meio da plataforma Teams. Foi possível debater sobre concepções clínicas e sociais da deficiência, refletir sobre o processo de inclusão social das pessoas com deficiência ao longo da história e repensar as nossas representações e alguns preconceitos nesse campo. O aluno Ramon compartilhou o seguinte relato sobre a palestra: “Eu fico muito feliz pela possibilidade dessas trocas, dessas

parcerias que são feitas e que são mediadas tanto pelos professores quanto pelos alunos. É importante a Universidade sair de dentro dela e trazer pessoas para dentro dela para discutir outras questões que vão para além do currículo, e/ou complementam o currículo”.

A aula, prevista inicialmente para ter uma duração de 2 horas, foi se estendendo e diante do interesse e disposição de todos para o debate foram mais de 3 horas de trocas, relatos de experiência e diálogos acerca do tema da inclusão. Após a palestra, a turma de estudantes que já é muito sensível e interessada pelo tema da inclusão, se sentiu mais motivada e instigada, desejando novas iniciativas no campo da inclusão.

GEPICE: a infância em pauta

O brincar como linguagem essencial da criança e suas territorialidades em espaços escolares, foi o tema de uma pesquisa coordenada pela prof^ª Dra. Ana Paula Maletta entre os anos de 2018 e 2019, com o apoio da prof^ª Ma. Danielle Lameirinhas e a participação de quatro graduandas do Curso de Pedagogia da FaE/UEMG como pesquisadoras voluntárias. Essa pesquisa inspirou a criação, no mesmo período, de um grupo de estudos que reuniu, além das integrantes da pesquisa, outras alunas e alunos da FaE/UEMG para o aprofundamento e reflexão acerca do tema da infância e das crianças. Em 2019, a pesquisa foi contemplada no Edital PAPq e passou a contar com a participação de uma estudante bolsista. Em 2020, uma nova pesquisa, “O lugar das culturas da infância nas propostas curriculares elaboradas a partir da BNCC”, também contemplada pelo Edital PAPq, foi desenvolvida pelo grupo e, desde então, os estudos e as pesquisas relacionados à temática vieram ganhando força e adeptos à investigação.

Em 2021, um reencontro

marcou a retomada dos trabalhos do grupo, brevemente interrompidos em razão do cenário disruptivo provocado pela Covid-19. Nessa ocasião, a prof^ª Dra. Patrícia Nery foi convidada para assumir a coordenação do grupo. Com a participação de novos integrantes, alunas e ex-alunas das unidades da UEMG, alunas do Mestrado da FaE/UEMG e da prof^ª Ma. Lílian Sipoli Carneiro Cañete, da unidade Ibirité, as reflexões realizadas sobre as bases teórico-metodológicas nas quais se assentam as pesquisas em desenvolvimento no grupo levaram-nos à oficialização do nome GEPICE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Infância (s), Crianças e Educação.

O GEPICE tem como objetivo compreender a(s) infância(s) e suas variáveis no contexto histórico, social, político e econômico, abordando temas como as culturas infantis, a cidadania infantil, o trabalho na infância, as territorialidades infantis, as linguagens das crianças, suas condições de existência, desenvolvimentos e socializações, em contextos escolares e não escolares, na perspectiva

Foto: Acervo UEMG



Patrícia Gonçalves Nery

Foto: Acervo UEMG



Professora Patrícia Nery, coordenadora do GEPICE.

interdisciplinar dos Estudos da Infância e das Crianças. Por meio de diálogos, o grupo busca estreitar parcerias com outros grupos de pesquisa de universidades nacionais e internacionais que estudam e pesquisam a temática em tela.

O grupo, atualmente, desenvolve a linha de pesquisa Criança, Infância, Cultura e Educação com várias pesquisas associadas, entre elas, os estudos desenvolvidos pelas prof^ªs. Patrícia Nery e Ana Paula Maletta para o Dossiê “Tempo de pausa ou de crise: assumir a infância e a educação como prioridades”, publicado na Revista Linhas Críticas, v. 26, e a pesquisa, em andamento, “A infância, a criança, sua cultura e a sua educação nos currículos e nas práticas pedagógicas em tempos de pandemia”, coordenada pela prof^ª Ana Paula Maletta, com a participação de uma estudante bolsista do PAPq.

As cirandas, assim denominados os encontros do grupo, ocorrem mensalmente, às quintas-feiras, no horário das 17h 30min às 19h 30min, no espaço virtual do Grupo na Plataforma Teams.

Sujeitos e reminiscências da FaE

Fabrcio Andrade

Foi com imenso prazer que recebi o convite para “inaugurar” esta sessão no FaE Informa. Imaginando que inúmeros colegas poderiam ser agraciados com tamanha honra, por possuírem, talvez, trajetórias educacionais bem mais extensas, e por que não dizer, decisivas para a FaE e para a UEMG, deixo a responsabilidade desta escolha para os colegas do Centro de Comunicação. Colegas estes que agradeço imensamente por se lembrarem de mim e que respeito profundamente por levarem tão a sério este importante periódico para nossa Unidade.

Um dos primeiros desafios que me deparei ao receber o convite de falar sobre fragmentos de minha trajetória educacional, foi o de como realizar tal tarefa e, ao mesmo tempo, deixar como mensagem algo que poderia, em algum momento, valer a pena para nossos importantes leitores e leitoras. Advirto que alguns de nós professores, dentre eles não me furto em incluir a mim mesmo, podem muito facilmente ceder a uma espécie de impulso de “desfile de títulos e realizações”. Procurando evitar tal armadilha insidiosa, e não menos cabotina, procurei como caminho citar algumas passagens que considero importantes e realizar algumas indagações e reflexões. Tampouco farei proposições cronológicas. Peço, antecipadamente, que tenham paciência e olhem a descrição desta breve trajetória com parcimônia e delicadeza pois, assim a construí. Decidi citar pouquíssimos nomes. Com certeza – afirmo - inúmeras pessoas foram fundamentais e importantíssimas para algumas realizações aqui descritas. Mas a possibilidade de, inadvertidamente, omitir alguém foi o crivo para a decisão anteriormente citada. Por fim desta introdução, entendo que muitas

destas linhas talvez não enriqueçam quem as lê, mas, peço que haja foco na tentativa de torná-las significativas o máximo possível. Esforço este de quem, com imenso zelo, vos escreve e, porque não dizer, compartilha alguns momentos profissionais e tenta retirar deles o que o tempo não apagou completamente.

Trabalhei vários anos em Escolas de Ensino Básico e Ensino Médio. Entre Escolas públicas e Escolas particulares vou destacar aqui o tempo passado na Escola Estadual Professor Guerino Casassanta em Justinópolis. Chamo a atenção para a figura do então diretor Carlos Eduardo Bonfim. Esse excelente profissional e educador nos ensinou uma das primeiras lições importantes que um jovem

Foto: Acervo UEMG



educador não se esquece: por que temer mudanças em espaços educacionais? Sentir prazer diante de desafios e transpô-los coletivamente traz-nos a sensação de uma profissão viva e estimulante. Presenciei e participei, pela única vez em minha vida educacional, de dois anos que colocaram de cabeça para baixo as tradicionais formas de avaliação, que buscavam tornar nivelados, a importância e o processo avaliativo de todas as disciplinas do currículo.

Só foi possível a implementação de tal avanço porque estabeleceu-se uma relação direta, respeitosa e sincera entre docentes e discentes. Há várias formas de sermos respeitosos e sinceros: pensar coletivamente talvez seja a mais trabalhosa delas. Não há mudanças sem empenho, resiliência e diálogo. Aprendi neste tempo a relevância da figura do Professor para algumas de nossas escolas públicas: sentir orgulho e se responsabilizar pelos espaços escolares e pelos processos de formação está totalmente ao nosso alcance. Todos os dias. Mês após mês. Anos a fio, os educandos e as educandas necessitam de pessoas que os levem a sério (como a imensa maioria dos profissionais que vi) e que se responsabilizam pelo seu trabalho. Eu percebi que qualquer investimento realizado no âmbito profissional tinha um respaldo e uma importância muito grande para aqueles adolescentes. E eles respondiam com igual respeito e investimento. Acreditar no potencial de nossas escolas básicas é fundamental se desejamos que essas mesmas escolas reflitam os projetos de país que construímos. Somos socialmente responsáveis pelas boas e más experiências de nossas escolas. Nunca mais deixei de pensar nisso. Desde então, a cada dia numa sala de aula, eu procuro melhorar o respeito entre as pessoas nos espaços de convivência. Essa ideia é também de Maturana, sim. Nem tão nova, nem tão palpável.

Nos intensos anos de docência, coloquei-me diante do desafio das Escolas Profissionalizantes de Formação de Atores. Trabalhei como professor de interpretação e improvisação dramática tanto na Fundação Clóvis Salgado quanto no querido Teatro Universitário da UFMG, pois chamei-me a atenção a nobreza e a dignidade

Sujeitos e reminiscências da FaE

Fabrcio Andrade

da profissão de Ator! Uma profissão de respeito mútuo e trabalho de grupo. Profissão esta cujos laços solidificados entre seres humanos são inesquecíveis para qualquer um que esteja disposto a fazer da própria vida, bem como das vidas alheias, um conjunto de saberes capazes de inspirar e modificar cada ser humano e as relações destes entre si. Nesta profissão encontramos um reduto de pensadores que sempre se colocaram de forma ativa diante da dialética, da incoerência, do conflito, eixos inerentes à vida social. A responsabilidade política e cultural foi bandeira para muitos mestres do Teatro. Fazer, ensinar e aprender Teatro é colocar-se diante da vida, enfrentar seus maiores problemas e celebrar suas mais nobres realizações. A beleza de atores em cena raramente é superada como uma das mais penetrantes ações políticas e de sublevação da humanidade contra si mesma.

E tais formas de pensar não poderiam encontrar melhor lugar para manifestação e construção que nossa querida Faculdade de Educação. Entrei como docente na FaE há anos atrás (décadas...). Tive incontáveis companheiros de trabalho cujas lembranças, cuja a oportunidade de continuar dividindo os espaços de labor

– atualmente - me são tão caros quanto fundamentais. Aprendi principalmente na FaE a importância do “contrato social” que realizamos a cada dia, a pensar que as sociedades não são propriedades individuais e que direitos iguais podem deixar de ser uma utopia distante. Nascermos para ter e respeitar desejos, espaços e formas de pensar e agir. É com muito carinho que me comunico com inúmeros egressos da FaE e percebo que em cada um deles e delas um pedaço de nossa formação ficou marcado. Aprendi que não há espaço para se preocupar com reconhecimento próprio ou com necessidades egoístas de agradecimento e reverência. O espaço público é um espaço de construção de respeito às fases da vida e o desejo de viver e aprender é algo impagável e, portanto, impossível de se comercializar. E até mesmo a decisão de lutar ou se entregar é direito de cada um. A FaE, que sonho... a FaE que trabalho todas as semanas, que me ensinou a me posicionar e a perdoar (não sem indignação!) quem se recusa a fazer isso.

Atravessei o mar até outro continente para ampliar estudos e formas de percepções educacionais. Aprendi a orgulhar-me de meu país. Aprendi a colocar-me à disposição dele para devolver as oportunidades que ele me proporcionou. Orgulho-me todos os dias de respirar este ar e de trabalhar no Ensino de Arte: o

Conhecimento não é uma ferramenta utilitária. Nem a Arte. Mas são instâncias poderosamente capazes de nos tornar melhores... seja lá o que isso quer dizer. Ressalto aqui as palavras de meu Pai: a dignidade é o maior valor do ser humano.

Recomendo meu segundo livro: Arte-Educação: Paradigmas do Século XXI, que nunca se concretizaria sem o ensinamento e a orientação de uma das maiores e mais competentes personalidades que conheci em minha vida: Profa. Lucia Gouvea Pimentel. Meus agradecimentos. Encerrarei estas breves linhas recomendando veementemente alguns autores e ou intérpretes que dizem muito sobre minhas escolhas (apesar de não me sentir à vontade com listas: são intermináveis): Beckett, Waits, Brecht, Morin, Dostoiévski, Jacob, Baker, Reed, Maturana, Seixas, Colasanti, Quintana, ...

Querem saber o que professores e professoras FAZEM... o Currículo Lattes (ainda) tem a consulta pública. (Espero que nos sobre muita coisa pública ainda...)

Obrigado por chegarem ao final destas linhas.

Foto: Acervo pessoal



Arte/educação: paradigmas do século XXI
Fabrcio Andrade
Formato 14x21 cm, 152 páginas
ISBN 978-85-391-0673-8

A Arte discute importantes conflitos sobre nós mesmos. Amiúde, e talvez, principalmente, quando tais pensamentos não nos são desvelados de forma explícita ou, necessariamente, narrativa. São esses conflitos, carregados vertiginosamente de humanidade, que nos movem a investigá-la. Ultrapassando as possibilidades da intencionalidade nos dispusemos a infringir limites e forjar metodologias de ensino, pesquisas de temas, objetos (obras), movimentos, artistas. Esta publicação se destina a consolidar, ampliar e divulgar aspectos do campo epistemológico sobre Arte, Arte/Educação e ensino de arte expandir, portanto, o conhecimento, o saber, a oportunidade de transformação da experiência estética por uma de suas vias possíveis: a mediação, o diálogo, a interlocução. Destina-se aos que se interessam também pelas relações educacionais, políticas, econômicas e sociais que os objetos artísticos possam suscitar. A Arte, portanto, torna o maior conflito humano, a própria vida, mais significativa. Os espaços educacionais, sejam eles tantos quanto nossas condições permitirem, são pontos de confluência para fomentos culturais: falar sobre Arte é conhecer e conhecer-se. Sempre.

Tempos de Luta

Foto: Acervo pessoal



Meu nome Ramon Paixão Sessémeandê, estou estudando no Curso de Pedagogia no núcleo formativo 6 A, manhã, FaE/CBH/UEMG, ex. Coordenador Geral do Diretório Acadêmico: Tempos de Luta - Gestão 2019/2020, membro representante estudantil no Colegiado de Curso, bolsista desde 2019 do Programa de Educação Tutorial, desta instituição, que tem como foco a "Formação docente para o trabalho com relações étnico-raciais na Educação Infantil: uma proposta de fortalecimento acadêmico e de

combate às desigualdades raciais e como eixo articulador o tema da educação das relações étnico-raciais na educação infantil". Atuo na reflexão, discussão e construção de pautas estudantis com Coletivos e Movimentos na busca do fortalecimento de um Movimento Estudantil que luta pelo DIREITO, a uma universidade PÚBLICA, GRATUITA e de QUALIDADE.

Integro o "Movimento UEMG Resiste", nascido a partir do anseio de estudantes, coletivos e movimentos independentes, comprometido com a busca de ampliação de diálogos diretos e indiretos entre os estudantes, órgãos de representação deliberativos e consultivos na Universidade e fora dela, com o intuito de construir e debater questões ligadas ao ingresso, permanência e continuidade de estudos dos alunos universitários. Estas questões, que antecedem a pandemia e se intensificaram na mesma, necessitam do aprofundamento da nossa reflexão, construção e acompanhamento de ações sobre ACESSO e ACESSIBILIDADE ESTUDANTIL.

Ramon Paixão Sessémeandê

Só assim será possível potencializar todo um movimento pós-pandemia, pois em "Tempos de Luta", a união fez, faz e fará a diferença em nossa construção coletiva e social em torno da EDUCAÇÃO.

É nítido o caos causado na Educação pela pandemia, e a defasagem de aprendizado na formação em seu contexto macro, onde a superação das dificuldades só será possível com a luta árdua e diária dos que apoiam o movimento por uma Educação de qualidade, pública e gratuita. Por isso, faço um chamado à comunidade acadêmica estudantil da Faculdade de Educação, para fortalecer, formar, criar, acompanhar e propor ações que nos permitam nos unirmos e nos fazermos presentes em todas as instâncias que nos são de direito, visando melhoria e estabilidade para os que virão. Nosso movimento de hoje constrói para o de amanhã, de forma a consolidar políticas estudantis internas e externas em nossa Universidade. Venha participar da construção da nossa história.

Como construir redes de comunicação ativa?

Paula Elaine da Silva e Célia Almeida e Silva

Foto: Acervo pessoal



Paula Elaine raduanda do curso de Pedagogia EAD da UEMG

Foi através desta pergunta - formulada em uma roda de conversa realizada em atendimento à atividade proposta pela professora Maria Cristina da Silva, da disciplina de Educação e Direitos Humanos, do curso de Pedagogia EAD, da UEMG - que inúmeras ações começaram a ser articuladas na Escola Municipal Aurélio Pires, região da Pampulha, em Belo Horizonte.

Por vezes, somos levados

a crer que as discussões que permeiam o ambiente acadêmico não dialogam com aquelas advindas da escola. É como se a academia não compreendesse a realidade dos estudantes da educação básica, bem como os processos pelos quais atravessam sua formação.

É inegável a distância existente entre teoria e prática. No entanto, percebemos que, ao estreitar o diálogo entre o

Como construir redes de comunicação ativa?

Foto: Acervo pessoal



Célia Almeida raduanda do curso de Pedagogia EAD da UEMG

que a academia nos oferece e a voz dos sujeitos que compõem a comunidade escolar, é possível vislumbrar a construção de novos caminhos, criando espaços de participação e troca.

No que diz respeito às transformações ocorridas na E. M. Aurélio Pires, em diálogo com a universidade, iremos pontuar as atividades referentes à roda de conversa e à produção de uma cartilha, que resultou na implantação da Rede Jovem Aurélio Pires.

A roda de conversa realizada pelas graduandas Paula Elaine e Danielle Souza, em 13/05/21, às 20h, por meio do aplicativo meet, mobilizou os convidados a repensarem a necessidade permanente de se discutir os direitos humanos nas escolas, bem como ampliar seu alcance para outros espaços sociais.

Neste encontro estiveram presentes o estudante de direito Anderson Nonato, o técnico de áudio Adley Luiz, a aluna Abigail Vitória, as professoras Adriana Canuto, Fabiana Mol, Maria Cristina Tavares e Cynthia Martins, atual articuladora de leitura e coordenadora da escola integrada.

A atividade de produção da

cartilha sobre Direitos Humanos se constituiu como um desdobramento da roda de conversa e o mote para a criação da Rede Jovem Aurélio Pires, antiga ideia da professora Cynthia. A Rede Jovem começou a ganhar forma, no dia 27/05/21, após a publicação, via whatsapp, de um post direcionado às turmas de 8º e 9º anos, no qual a foto de Anne Frank estava atrelada à seguinte pergunta: "Vamos construir juntos uma cartilha sobre a importância de conhecermos os princípios norteadores dos Direitos Humanos?".

Após a manifestação dos alunos Abigail Vitória, Ana Clara, Ana Kenya, Caroliny Alves, Dereck Alexandre, Isabela Clícia, Jenifer Vitória, Josué Ferreira, Millena Vitória e Paulo Henrique, realizamos dois encontros virtuais que resultaram não somente na construção da cartilha proposta pela docente da UEMG, mas de pautas para produção de cartilhas mensais, rodas de conversa, lives, elaboração de vídeos, gifs, entre outros. Por meio do aplicativo Canva, foi criado um documento colaborativo para que todos pudessem inserir textos, imagens e animações, de acordo com os recortes temáticos escolhidos por eles.

O trabalho com os direitos humanos, na escola, estimulou a pesquisa, a fraternidade e a troca de conhecimentos entre estudantes e educadores, conferindo autonomia e protagonismo aos sujeitos envolvidos. Sem dúvida, as atividades propostas pela disciplina de Direitos Humanos representaram um importante legado para toda a comunidade escolar.

Para visualização da Cartilha proposta pela UEMG, [clique aqui](#).

Para o acesso integral às discussões tecidas durante a roda de conversa, acesse os links:

[Parte I](#), [Parte II](#), [Parte III](#).

Conexão

Beatriz do Nascimento

Daqui conecto ao mundo
Fundo, sem beira, sem eira.
Fios emaranhados
Cabos,
Dados,
Coração ...
Daqui conecto ao mundo
O cabo segue , para. Favela.
Rodopia pelos ares, quer conectar.
Mas Onde?
Não há fonte.
onde?
Não há teto
Não há chão
Não há pão.

Foto: Acervo pessoal



Literatura com pipoca: o que está presente em nossas palavras?

Imagem: <https://projetandopessoas.com.br/apropriacao-das-palavras-certas/>



“A palavra pode ser leve ou pesada, tudo depende da maneira como você se expressa”.

Convido vocês, a fazerem comigo mais uma reflexão, dessa vez, sobre a força que a palavra pode ter, dentro dessa difícil realidade pandêmica pela qual estamos passando há mais de um ano. Tempos em que o ser humano vivencia as consequências de um vírus que trouxe com ele o aumento da pobreza, do medo, da ansiedade, do estresse, do distanciamento de pessoas queridas e, até mesmo, de perdas de vidas irreparáveis.

Certamente, sabemos que não temos controle desses acontecimentos que afligem o planeta, mas temos o domínio das nossas palavras.

Mas vocês podem estar se perguntando: qual a relação existente entre o sofrimento do mundo e as minhas palavras?

E a resposta é simples: precisamos de palavras que motivem pessoas e que falem de esperança, uma vez que se já vivemos um momento tão difícil, não necessitamos de conversas que derrubam, que desanimam, que deprimem, não é mesmo?

As palavras que saem da nossa boca podem ser leves ou pesadas e isso, realmente, só depende de cada um de nós. É

por esse motivo que precisamos prestar mais atenção nas nossas palavras. Afinal, sobre o que elas falam: de agonias? De doenças? De morte? Dos noticiários deprimentes? Profetizam que estamos no final dos tempos? Que a situação não tem mais jeito? Ou proferimos palavras que trazem alegria, que motivam, que são capazes de revigorar o ânimo dos nossos interlocutores?

Já pararam para pensar se estamos fazendo algum bem às pessoas, quando falamos de acontecimentos ruins? O que geramos com isso? Mais tristeza e dor? Mais aflições? Desnecessário, não acham?

Por qual motivo, muitas vezes, colocamos mais “lenha na fogueira”, ao invés de tentar apagar o fogo que está gerando, por si só, sentimentos desconfortáveis?

A palavra pode motivar ou destruir, ser luz ou escuridão, ser sabedoria ou dominação. E a escolha por pronunciá-la de uma forma ou de outra, é totalmente nossa!

Vamos refletir então: como queremos que nossas palavras sejam? O que desejamos que nossas palavras levem para as pessoas? Somos portadores de palavras pessimistas ou motivadoras? Cultivamos, em nossa fala, um mundo de dor ou de amor?

E, pensando de modo reverso, o que fazemos quando as

Janayna Alves Brejo

palavras ruins chegam até nós? Como respondemos à elas? Com um tom que aprova a tristeza, que coaduna com o desastre? Ou revertermos o que escutamos com dizeres que afirmam que dias melhores virão?

Muitas pessoas acreditam que podem falar um conjunto de coisas ruins, bastando apenas finalizar seu discurso com frases do tipo: “tudo vai melhorar”. De que adianta esse comportamento, se durante toda a conversa, ela disse somente palavras de desesperança?

Penso que chegou a hora de cada um de nós fazer a sua parte, transformando a palavra má em boa. Mesmo porque, se quisermos daqui há alguns anos falar, sinceramente, que superamos essa experiência pandêmica simplesmente porque acreditávamos que o futuro seria melhor, é preciso que comecemos hoje, a plantar palavras encorajadoras e capazes de reerguer as pessoas e não de desmotivá-las fazendo-as acreditar no pior ditado popular de todos os tempos: “se está ruim, ainda pode piorar”.

É preciso que tenhamos coragem para dissipar essas palavras e pensamentos que assolam nossos corações, e que cada vez mais fazem parte do nosso cotidiano, trocando essa paisagem nebulosa por um universo iluminado.

Pois bem, não podemos deixar que a chama do bem que deve estar presente em nossas palavras sejam apagadas pelas situações difíceis que hoje vivenciamos e/ou presenciamos. Assim, ao ouvirmos uma palavra de desânimo, que sejamos fortes para oferecer em troca uma fala repleta de esperanças, sem ofender, sem impor, sem querer machucar o outro...

Que nossas palavras sejam realmente capazes de demonstrar nossa alegria interior, nossa coragem e nosso otimismo em relação à vida e ao futuro!

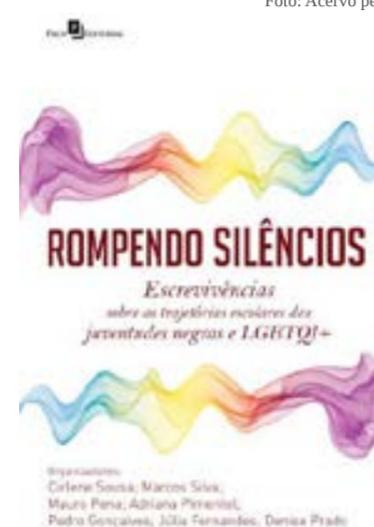
Com um abraço que mentaliza palavras de carinho para vocês,

Janayna.

Livro: ROMPENDO SILÊNCIOS: escrevivências sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQI+

Cirlene Sousa

Foto: Acervo pessoal



Esta obra traz a público as narrativas vividas – de fato, escrevivências – de jovens negros, negras e LGBTQI+ que tiveram a coragem de assinar suas próprias Cartas. Nelas contam de sua perplexidade e dor; também de sua resistência e esperança. Palavras fortes, sensibilidades declaradas, cicatrizes ainda visíveis: traços marcantes de jovens estudantes que transformaram

a indignação em afirmação, as contrariedades em amadurecimento. Mais que um registro, um processo de construção de identidades e de cidadania, com atenção às relações educativas, familiares e sociais. As narrativas vêm acompanhadas de análises, com lente pedagógica, sociológica e ética, sem esquecer a crítica antropológico-religiosa ao racismo e à violência de gênero.

Livro: Avaliação em Feiras de Ciências e Tecnologias

Fernanda Aires Guedes Ferreira

Foto: Acervo pessoal



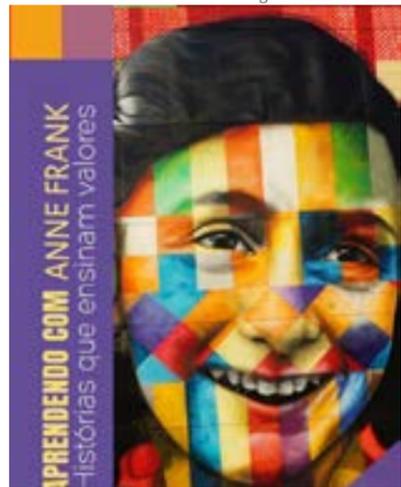
Esta obra é resultado das experiências acumuladas na preparação e execução do curso Avaliação em Feiras de Ciências e Tecnologias, realizado anualmente por meio do projeto de extensão Ateliê pedagógico de divulgação e popularização da Ciência, que acontece na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em parceria com a Associação Mineira de Pesquisa e Iniciação científica (AMPIC). Esperamos que este livro contribua para o aprimoramento dos profissionais que fazem, ou pretendem fazer,

avaliação em Feiras de Ciências e Tecnologias, despertando-os para os aspectos mais relevantes a serem considerados nesse processo. Nosso objetivo é o estabelecimento de avaliações mais justas e equilibradas de projetos científicos apresentados em Feiras de Ciências e Tecnologias de modo a promover a melhoria da qualidade desses eventos e, consequentemente, para uma participação mais efetiva dos estudantes em projetos de iniciação científica, fortalecendo a alfabetização científica em diferentes espaços.

Aprendendo com Anne Frank: Histórias que ensinam valores

Amanda Tolomelli Brescia, Aline Choucair Vaz e Sandra Mara de Oliveira Vicente

Imagem: acervo UEMG



Quando falamos “nunca mais” estamos nos comprometendo a tornar a memória o que toda memória deve ser: útil. Estamos imbuídos a, sim, manusear a memória do Holocausto e utilizá-la como agente transformador, sem vulgarizá-la - e esse é um dos pressupostos do universalismo da Shoá ligado à educação sobre os Direitos Humanos. E nada melhor do que o legado de Anne Frank e o estudo dos seus escritos para renovarmos nosso pacto coletivo de que vamos identificar os sinais e lutar contra toda e qualquer forma de ódio, intolerância e discriminação, contra qualquer grupo e em qualquer parte do mundo.

Tese: Entre Angola e Brasil: marfins e muitas histórias

Rogéria Cristina Alves

Foto: Acervo pessoal



A tese de doutorado "No Rastro Do Marfim" A circulação do marfim in natura entre Luanda, Benguela, Brasil e Lisboa (1723-1808), de autoria da professora Rogéria Cristina Alves foi defendida em fevereiro de 2021, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Sob orientação da professora Doutora Vanicléia Silva Santos (UFMG/Penn Museum - University of Pennsylvania) e co-orientação do professor Doutor Carlos Almeida (Universidade de Lisboa), a tese se propôs a elucidar a circulação do marfim, de procedência angolana, ao longo do século XVIII. A pesquisa abordou desde a obtenção/extração do marfim de elefantes, até o seu destino final, esclarecendo os aspectos operacionais, administrativos e sociais envolvidos nesta movimentação. O termo marfim foi utilizado até o início do século XIX para designar apenas os segmentos de dentes de elefantes, fossem estes brutos ou lavrados. O termo in natura diz respeito ao estado bruto desta matéria-prima, ou seja, ao marfim que ainda não foi transformado em objetos. A pesquisa seguiu a trilha de transformação do marfim in natura, para objetos manufaturados, enfatizando aspectos que historiografia desconhecia, tais como o uso desta matéria-prima como moeda, como

lastro das embarcações negreiras e a existência de uma fábrica real, situada em Lisboa que manufaturava o marfim procedente de Angola, transformando-o em objetos de luxo que eram vendidos a outras praças comerciais europeias.

Por meio de uma análise maciça de fontes documentais distintas e localizadas em três diferentes continentes (América, África e Europa), essa pesquisa perseguiu o rastro do marfim deixado nas fontes históricas e promoveu uma reunião de informações sobre seu comércio, valor, usos e implicações socioculturais sobre a sua alta demanda Atlântica, surgida ainda no século XVIII. Assim, compreendemos a circulação do marfim de elefantes a partir de diferentes aspectos: sociais, econômicos, culturais e ambientais. A tese será disponibilizada em breve no repositório institucional da UFMG (<https://repositorio.ufmg.br>). Contudo, mais informações sobre a pesquisa, podem ser acessadas em <https://pesquisadorarogeria.wixsite.com/rogeriaalves/home>.

Rogéria Cristina Alves é professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). É coordenadora do Grupo

de Trabalho de História da África, na ANPUH-MG. Possui experiência no ensino de história, em diferentes níveis: ensino fundamental, médio e superior. Suas pesquisas abordam a história da cultura material africana na África Central e na diáspora; a educação para as relações étnico-raciais e a diversidade. Possui experiência de pesquisa em arquivos históricos brasileiros, portugueses e angolanos. É autora de diversos artigos sobre os marfins de origem africana, sobre a educação para a diversidade e também do livro "No rastro do marfim": O comércio e a circulação do marfim africano no mundo atlântico (Século XVIII), com lançamento previsto para 2021.

Dissertação: A educação a distância no ensino da libras e o papel da tutoria na mediação da aprendizagem

Cristina Alves Menezes Rocha

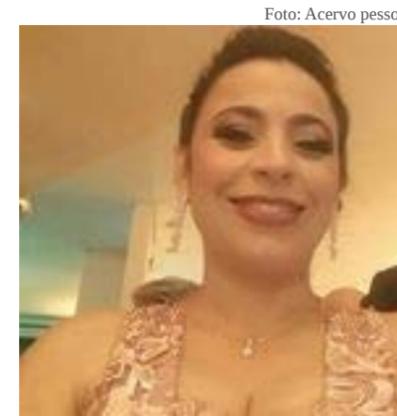


Foto: Acervo pessoal

Recente censo publicado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) deu vistas de que essa modalidade tem se fortalecido e vem atingindo cada vez mais um número crescente de adeptos. Seus usuários passam a atribuir-lhe maior credibilidade, e há uma crescente efervescência nesse campo, com desdobramentos diversos, inclusive no ensino da Língua Brasileira de Sinais, especialmente na observância da lei 5626/2005. Instituições do

Ensino Superior (IES) têm passado a ofertar essa disciplina demandando um número razoável de tutores de Libras (TL), trazendo assim uma inquietação sobre como esses tutores têm constituído, seus saberes para desenvolver seu trabalho docente, bem como as concepções de ensino e aprendizagem que os norteiam. Realizou-se um estudo de caso junto a uma (IES) que oferta a disciplina de Libras na Educação a Distância (EaD), obtendo dados advindos de questionário e entrevista junto aos TL. O objetivo geral do trabalho foi analisar o papel do tutor de Libras na Educação a Distância no processo de mediação pedagógica em sua atuação na EaD, e os objetivos específicos foram: a) verificar concepções de ensino/aprendizagem que orientam as práticas do TL; b) descrever estratégias utilizadas pelos tutores objetivando proporcionar a aprendizagem do educando da EaD; e c) analisar as habilidades e saberes necessários ao fazer do

TL. Juntamente aos professores e coordenação pedagógica da disciplina de Libras, objetivou-se revelar o olhar desses sobre o TL. Verificou-se que a presença do TL na instituição pesquisada é relevante, uma vez que contribui no processo de mediação da aprendizagem dos alunos, em parceria com os professores nas correções de atividades e em reuniões pedagógicas, para que as orientações aos alunos atinjam os objetivos da disciplina. Adicionalmente, constatou-se que o tutor é o profissional da EaD que domina os conteúdos técnico-científicos, tendo habilidades e competências para mediar a participação do aluno e propiciar a este o entendimento do conteúdo proposto na relação que se estabelece.

Acesse em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RochaCA.pdf

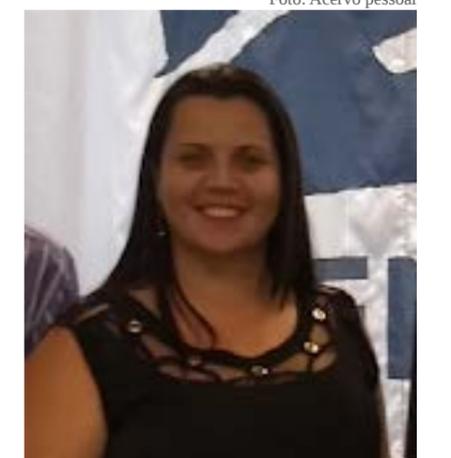
Tese: Feiras de ciências: uma estratégia pedagógica para promoção da Alfabetização Científico-Tecnológica no Ensino Médio

Fernanda Aires Guedes Ferreira

Foto: Acervo pessoal

Este trabalho teve como objetivo compreender o desenvolvimento da educação científica nos espaços escolares com feiras de Ciências e examinar como e em que medida as diversas experiências e vivências dos estudantes e professores contribuíram para sua formação como indivíduos alfabetizados cientificamente. Trata-se de um estudo de caso em Mateus Leme, Minas Gerais, uma cidade que

apresenta ampla participação em feiras de Ciências em nível estadual e nacional e consolidada cultura escolar neste tipo de evento. A metodologia adotada foi a observação densa, o questionário e a entrevista. Participaram da pesquisa 19 professoras e 348 estudantes do Ensino Médio das quatro escolas estaduais de Mateus Leme. As discussões apresentadas objetivaram responder às seguintes questões:



Tese: Feiras de ciências: uma estratégia pedagógica para promoção da Alfabetização Científico-Tecnológica no Ensino Médio

1) Quais ações e práticas emergem na participação de estudantes e professores nas feiras de Ciências escolares?;

2) Quais elementos promotores de Alfabetização Científico-Tecnológica (ACT) são desenvolvidos nas feiras de Ciências?; e

3) Como identificar evidências de que as feiras de Ciências contribuem para o processo de ACT no ambiente escolar?

Para análise de dados, construímos uma ferramenta de análise em duas vertentes: uma envolvendo o fazer dos PROFESSORES e da organização da ESCOLA na dinâmica das feiras de Ciências, e a segunda envolvendo o trabalho dos ESTUDANTES em si. Examinando o trabalho das professoras em diálogo com a literatura, elegemos cinco indicadores que potencializam as feiras de Ciências como promotoras de ACT:

1) multidisciplinaridade, parcerização e trabalho em rede;

2) perenidade e cultura científica;

3) potencialização da iniciação científica;

4) socialização e proximidade com a comunidade escolar; e

5) difusão científica e tecnológica.

Já em relação às equipes de estudantes, constatamos ações, práticas e aprendizagens ativas, colaborativas e engajadas que indiciam o aprender Ciências, o aprender sobre Ciências e o aprender a fazer Ciências. Tais práticas foram analisadas a partir de cinco indicadores de ocorrência de ACT no contexto das feiras de Ciências escolares:

1) aproximação e apropriação da Ciência;

2) problematização e contextualização;

3) planejamento investigativo;

4) centralidade no estudante e autonomia; e

5) interesse e apreciação da ciência.

Na análise de cada um desses indicadores de ACT, notamos que as ações são conduzidas pelos sujeitos envolvidos conforme suas vivências e experiências com a pesquisa científica. Constatamos que as feiras de Ciências da cidade de Mateus Leme funcionam como fonte de abastecimento e profissionalização docente que permite a constituição de projetos de iniciação científica autênticos. O trabalho tem implicações teóricas, na proposição de uma ferramenta de análise de feiras de Ciências na perspectiva da ACT, e práticas, no sentido de evidenciar os elementos que potencializam a ACT de professores e estudantes. Além disso, o estudo de caso pretende inspirar educadores e escolas para ações nesse sentido.

Acesse em: https://uemgedu-my.sharepoint.com/:b:/g/person/fernanda_ferreira_uemg_br/EYyzXcgp2VNKiT_MGhC2Rjcb4uB1kQXXj5_LmkoFw74WuA?e=i1knWY

Futuramente disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/>